

# Rumo à estabilização

Para surpresa dos céticos e preocupação daqueles que torcem contra o plano econômico por motivos eleitorais, a inflação começa a ceder. De acordo com o Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M) da Fundação Getúlio Vargas — um dos indicadores mais utilizados como indexador —, a segunda prévia de abril, divulgada durante esta semana, apontou uma inflação de 29,73%, 3,74 pontos percentuais abaixo dos 33,47% apurados no mesmo período entre os meses de fevereiro e março e inferior até mesmo aos 30,48% apurados um mês antes.

Os dados indicam claramente que os aumentos registrados durante o mês de março foram especulativos em função da implantação do plano econômico e não do prosseguimento da tendência de aceleração inflacionária, o que seria um sinal de fracasso do programa de ajuste. Esta avaliação é confirmada pela comparação com o comportamento dos preços no início do ano.

É provável que para o cidadão comum, muitas vezes confundido pela multiplicidade de indicadores e percentuais calculados de formas diferentes, relativos a períodos diversos e levando em conta itens que não correspondem a seus gastos, os percentuais não digam muito. Pelo contrário, levando-se em conta o processo de formação de preços, é possível até que o pico inflacionário de um mês atrás seja sentido por ele agora e que as estimativas sobre queda dos índices soem como pura retórica em contradição com uma realidade mais convincente.

A não percepção por parte do cidadão comum de que a inflação esteja refletindo os efeitos do plano se deve também ao fato de que os dados divulgados pela Fundação Getúlio Vargas indiquem apenas uma desaceleração inflacionária; isto é, não apontam uma redução dos preços, mas sim uma diminuição do ritmo de seus aumentos, o que nem sempre é facilmente perceptível, ainda mais quando se trata de 3,74 pontos percen-

tuais numa inflação de 33,47%.

Para a economia do País e numa perspectiva de médio prazo para o cidadão, contudo, há indícios bastante significativos de que a reação especulativa ao plano econômico esgotou seus efeitos neste mês de abril. Há cerca de uma semana, os índices diários passaram a apontar uma deflação dos preços em URV. Isto significa que a especulação e o temor de alguns empresários em relação a um suposto congelamento fizeram com que os preços subissem em termos reais sem que a realidade justificasse esse comportamento. Em função disso, os preços do chamado setor competitivo da economia passaram a cair em termos reais. Desde o dia 18 último, os preços competitivos registram uma deflação de mais de 1% em relação ao mesmo dia do mês anterior.

As evidências de que esteja ocorrendo uma deflação em termos reais são, indiscutivelmente, auspiciosas. Mais importante que confirmar que as pessoas responsáveis pelo plano econômico em andamento estavam certas ao definir a estratégia de estabilização, é fazer com que a população, em particular os agentes econômicos, constate que a racionalidade não foi banida do território nacional e que não há motivo para paranoias que apenas perturbam a situação.

É preciso, entretanto, evitar o entusiasmo descolado da realidade da mesma forma que o negativismo infundado. Se está havendo uma deflação — que deve se prolongar até que os preços se reencontrem com os níveis decorrentes dos custos reais dos fatores — isso não significa, em hipótese alguma, que os preços vão cair abruptamente. Se estão caindo, estão caindo em termos reais. Passado o período de ajuste, tenderão à estabilidade (talvez com pequenos aumentos) em URV e logo em real — com o que não estaremos muito longe da estabilidade nas moedas estrangeiras mais sólidas, algo que ainda soa inacreditável, mas é possível.